

Segurança, de NY para o Grajaú

Especialistas americanos visitaram escola municipal e debateram como reduzir crimes nos colégios

VIOLÊNCIA

Bruno Paes Manso

Eram 11 horas na Escola Municipal Teodomiro de Toledo Piza, no Grajaú, zona sul, quando tocou o sinal anunciando o fim das aulas de ontem. A professora americana Andaye de La Cruz, coordenadora de Políticas de Segurança da Secretaria de Educação de Nova York, interrompeu a palestra que fazia, como se levasse um susto. "Que sinal é esse?", pergunta, voltando-se para a diretora da escola, Rosa Maria de Mello Souza. "Lembra mais uma sirene de polícia, não tem a ver com educação. Outro som seria melhor."

Da platéia, professores e direto-

Professora criticou sinal da saída:

"Lembra sirene de polícia", disse Andaye

res da rede pública, educadores, delegados, PMs e guardas da ronda escolar, que se espremiaram na biblioteca, concordaram.

Andaye veio ao País com o coordenador de Segurança nas Escolas do Bronx, Samuel Bethea, a convite do Instituto Fernand Braudel e do consulado americano, para visitar as escolas da periferia e discutir a violência. O evento de ontem foi organizado pela Subprefeitura da Capela do Socorro. Os americanos deram conselhos, debateram soluções estruturais para os problemas e ouviram as experiências de seus interlocutores.

A Teodomiro Piza fica no fim de uma rua sem saída, na encosta de um morro cheio de barracos da

Favela da Alegria, em uma das regiões mais pobres e violentas da cidade. Ao entrar na escola, os americanos elogiaram a limpeza e organização da biblioteca. E a limpeza das paredes. "Um ambiente sujo passa ao aluno a mensagem de que ele não é importante e isso tem reflexo em seu comportamento", afirmou Andaye.

A diretora sorriu, com orgulho. Há um ano, iniciou as reformas no colégio e reverteu a fama negativa da Teodomiro. Disse que as mudanças ocorreram depois que conseguiu formar uma equipe "maravilhosa". "O passo seguinte foi trazer à comunidade para a escola. Hoje temos o respeito da população", contou a diretora. "Criamos regras, discutimos com os professores e alunos sobre o que seria permitido, todos concordaram. Aos poucos, estamos retirando as grades de proteção."

Bethea se animou com o relato e concordou que o envolvimento da comunidade e a formação de equipes engajadas são aspectos importantes para administrar o caos. "Parece simples, mas a maioria dos diretores e professores teme a comunidade e prefere mantê-la fora do processo."

O subprefeito da Capela do Socorro, o Seccional de Santo Amaro e o coordenador de Subprefeituras, entre outros líderes que participaram da conversa, novamente consentiram. No fim, agradeceram a oportunidade de discutir em público um assunto quase sempre relegado ao segundo plano. ●

O seminário com gestores de segurança escolar de Nova York, gratuito, é hoje às 8h30, no Instituto Fernand Braudel, Rua Ceará, 2, Higienópolis



VISITA - Americanos elogiam limpeza: "Ambiente sujo reflete no comportamento do aluno", diz Andaye

Diálogo e boa vontade são receitas contra violência

Nova York virou referência em segurança desde que o ex-prefeito Rudolph Giuliani reduziu a violência nos anos 90. Seu sucessor, Michael Bloomberg, criou um programa de segurança escolar com 4 mil agentes. Os dois gestores da Secretaria de Educação de Nova York que visitam São Paulo, Andaye De La Cruz e Samuel Bethea, falaram ao Estado:

Como a experiência de Nova York pode ajudar São Paulo?

Andaye - Para mudar não é preciso ter dinheiro, mas desejo de mu-

dança. Há duas posturas a serem seguidas: o gestor pode reclamar da crise do ensino e da falta de recursos ou se mexer para mudar a situação. A participação da comunidade que recebe seus serviços é o maior desafio a ser vencido.

Bethea - É necessário um processo organizado. Os gestores devem lidar com informações porque para solucionar um problema é preciso saber sua dimensão. Depois, deve formar times que trabalhem harmonicamente, seguindo juntos o mesmo objetivo. Policiais, diretores, inspetores e o de-

partamento de educação devem ter diálogo permanente.

Quais seus conselhos práticos para um diretor de escola com problemas de violência?

Bethea - O objetivo não deve ser acabar com a violência, mas criar um ambiente seguro. Há três anos, entramos num colégio do Bronx onde uma cadeira voou pela janela e alunos iam armados. Nesses casos, o detector de armas pode ajudar. Essa escola tinha quatro andares. Criamos quatro times para supervisionar a atividade dos alunos em cada andar.

Andaye - Regras são cumpridas quando há diálogo. Não se deve só punir os que saem da linha, mas elogiar os que se engajam nos projetos. ● B.P.M.